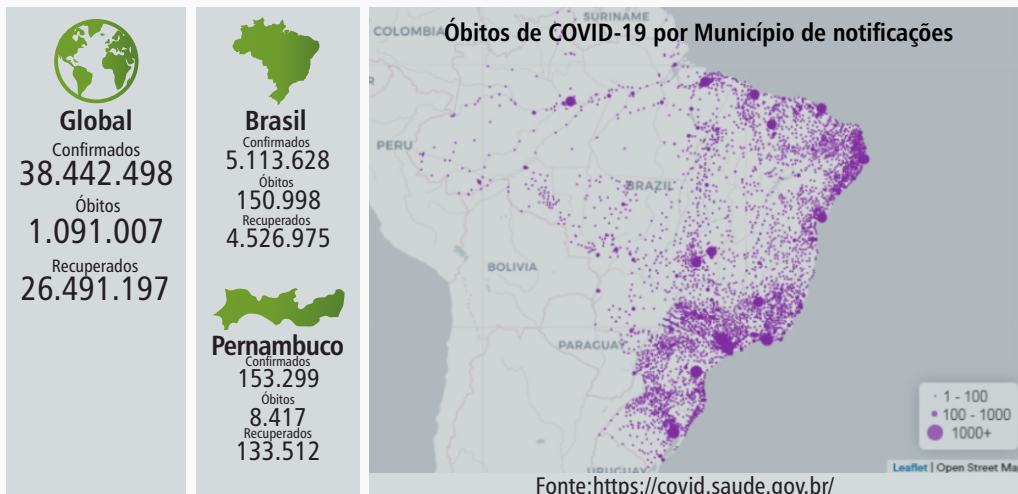


Casos Atualizados


Casos	Cidades	Ouricuri	Santa Maria da Boa Vista	Petrolina	Salgueiro	Serra Talhada	Floresta
Em Investigação		--	46	438	35	35	24
Confirmados		512	164	6.053	1.781	4.283	285
Descartados		--	--	37.627	5.184	18.190	1.091
Recuperados		485	143	4.816	1.543	4.103	223
Óbito		17	03	96	40	60	06

Brasil ultrapassa 150 mil mortes enquanto aprende a conviver com a covid-19

O Brasil tem mais de 150 mil óbitos causados pelo coronavírus, sendo o segundo no mundo com mais vítimas, atrás apenas dos Estados Unidos (213.954). Quanto ao número de casos confirmados, só os EUA (7,6 milhões) e a Índia (6,9 milhões) têm mais infectados que o Brasil. Os dados são do balanço da Universidade Johns Hopkins.

Após o primeiro caso, em 26 de fevereiro, e a primeira morte, em 16 de março, o Brasil viu os números crescerem até superarem um platô de mil mortes diárias por quase dois meses, que começou a ceder em agosto (932) e setembro (752), de acordo com números do Ministério da Saúde. Mas especialistas acreditam que o país atravessa um momento de platô com números ainda considerados altos, diferentemente dos países europeus e asiáticos, que, após alcançarem o auge da pandemia, viram uma queda mais drástica nos contágios e mortes. "Chegamos a ter 55 mil casos por dia, mas continuamos com 27 mil. Sim, é possível dizer que caiu mais de 50%, mas é como se você descesse do

Himalaia para os Alpes, quer dizer, você continua na montanha", explicou à AFP José David Urbaz, pesquisador da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI).

Sem plano nacional, esse platô elevado coincide com a reabertura de atividades não essenciais, que, segundo os especialistas, está sendo feita sem coordenação nacional nem vigilância epidemiológica adequada, o que ainda se soma ao não cumprimento pela população das medidas preventivas. "O comércio e algumas indústrias são importantes, mas isso deveria ser feito com muito cuidado. A gente observa que, infelizmente, o Brasil não tem uma coordenação nacional de procedimentos dessa retomada", disse o pesquisador Christovam Barcellos, da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz).

Acesse mais informações aqui:


Que desafios o Brasil ainda precisa enfrentar para ter uma vacina contra COVID?

Recentemente, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) anunciou a simplificação dos procedimentos para a aprovação de uma potencial vacina contra a Covid-19, tornando o processo menos burocrático. Agora, os resultados dos estudos serão acompanhados em paralelo ao desenvolvimento deles.

Aproveitando as mudanças na forma de aprovação, a vacina de Oxford, produzida pelo laboratório AstraZeneca, foi a primeira a enviar os documentos para serem analisados de forma continuada pela Anvisa. De acordo com o Ministério da Saúde, se for aprovada, 30 milhões de doses devem chegar ao Brasil ainda em janeiro de 2021. Além desse lote, outras 70 milhões de doses serão produzidas pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no primeiro semestre do ano que vem, já que o acordo prevê transferência de tecnologia.

Em seguida, a farmacêutica Sinovac, responsável pela vacina CoronaVac, enviou parte dos estudos clínicos para serem analisados pela Anvisa também nesse processo continuado. No Brasil, o acordo da CoronaVac é com o estado de São Paulo e

coordenado pelo Instituto Butantan, prevendo o fornecimento de 46 milhões de doses do imunizante até o final deste ano. "As vacinas serão entregues pela Sinovac ao Butantan no próximo mês de dezembro", anunciou o governador João Doria. Além dessa remessa, outras 14 milhões de doses serão fornecidas em fevereiro de 2021 e, posteriormente, o Butantan produzirá a vacina nacionalmente.

É possível que o Brasil também faça parceria similar com o imunizante russo, a Sptunik V. Nesse caso, os governos do Paraná e da Bahia já firmaram interesse com as autoridades da Rússia, entretanto, a pesquisa ainda não foi iniciada em nenhum estado brasileiro, segundo a Anvisa.

Acesse mais informações aqui:



Acesse mais informações aqui:


Ministério da Saúde adere a esforço internacional por vacinas contra a Covid-19

O Ministério da Saúde aderiu ao Instrumento de Acesso Global de Vacinas Covid-19 (Covax Facility). A adesão irá permitir que o Brasil tenha, entre suas opções, pelo menos mais nove vacinas em desenvolvimento. Dessa forma, assim que concluída uma vacina de comprovada eficácia e segurança, o país poderá imunizar os grupos de risco da doença a partir de 2021.

A Covax Facility é uma ação internacional coordenada prioritariamente pela Aliança Gavi, com o objetivo de promover a produção e o acesso global a um imunizante contra a Covid-19. Caberá à Gavi

negociar com os laboratórios fabricantes valores e prazos de entrega.

A iniciativa é parte do ACT Accelerator, projeto de colaboração global coordenado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para desenvolvimento, produção e acesso a testes, tratamentos e vacinas para a Covid-19.

Acesse mais informações aqui:


Qual a orientação da OMS sobre a reabertura de escolas?

A OMS, UNICEF e UNESCO divulgaram no dia 14 de setembro orientações atualizadas (que substitui a orientação de 10 de maio) sobre como e quando reabrir escolas com segurança. Conforme as recomendações, a continuidade da educação é fundamental para a aprendizagem, desenvolvimento, bem-estar, saúde e segurança das crianças. As escolas devem ser priorizadas entre as primeiras instituições a serem abertas à medida que as sociedades reabrem.

Dadas as consequências devastadoras para crianças, jovens e sociedades como um todo, as decisões sobre o fechamento de escolas devem ser consideradas como um último recurso, de forma temporária e apenas em nível local, se o surto ainda não tiver sido manejado.

Durante fechamentos, a continuidade da educação deve ser garantida por meio do ensino à distância, potencializando a solidariedade social dentro das comunidades. O tempo de fechamento das escolas deve ser usado para investir na adaptação e melhoria das escolas para que elas possam reabrir o mais rápido possível.

As escolas fazem parte de uma comunidade e conectam as comunidades. Dessa forma, as medidas tomadas para reduzir o risco em uma comunidade também reduzirão o risco nas escolas. Por isso, é importante uma abordagem de toda a sociedade e

solidariedade no nível da comunidade para garantir a continuidade da educação em ambientes protegidos da Covid-19.

Não há risco zero, mas as medidas preventivas tomadas para reduzir a transmissão de Covid-19 podem ser vantajosas para toda a sociedade, com a melhoria das práticas que reduzem a propagação de doenças (lavagem das mãos, higiene respiratória e uso de máscara quando apropriado para a idade) e esforço por maior acesso à educação para todas as crianças.

São fundamentais a consulta e coordenação dentro da comunidade escolar, bem como aos pais, para construir confiança e tranquilizar a família sobre a segurança das escolas. As lições aprendidas com crises anteriores (por exemplo, ebola) mostram que a ampla mobilização social e o engajamento dos líderes comunitários são essenciais para tranquilizar a família e ajudar a reduzir significativamente o abandono escolar.

Mais informações: "Considerações para medidas de saúde pública relacionadas a escolas no contexto da COVID-19"



Acesse mais informações aqui:

